



# grito rural

EDIÇÃO DOS MOVIMENTOS  
RURAIS DA REGIÃO OESTE

ACR • JARC • ACN

VOZ  
DO MUNDO  
RURAL  
PELO SEU  
DESENVOLVIMENTO

ANO XXXV - N.º 373/281  
FEVEREIRO 2019

## EDITORIAL

Por:  
*Jacinto Filipe*

### Promover e integrar

O Papa Francisco, numa das suas intervenções mais recentes chamava a atenção de todos os católicos, para o papel fundamental e imprescindível que a Igreja, no seu todo, deve desempenhar em ordem à promoção e à integração de todas as pessoas, independentemente da sua raça ou convicção religiosa/política. Por mais difícil ou problemático que este apelo nos possa parecer o certo é que, se não pusermos a pessoa e a sua dignidade acima de tudo podemos estar a incorrer no risco grave de nos limitarmos a gastar o nosso tempo e energias a valorizar, em demasia, preceitos, formalismos, ou as estruturas, etc..., esquecendo que essas opções, em lugar de valorizar e aproximar, só criam distanciamento e desintegração.

Temos que estar e ser Igreja como Comunidade abrangente e activa, consciente do seu papel Evangelizador, assumindo as fragilidades e incoerências, mas sempre disposta a pôr as pessoas, a sua dignidade e a justiça, acima de tudo, aliás como o fez sempre o nosso Mestre e seu fundador Jesus Cristo.

É bom, faz falta que rezemos, mas nunca esqueçamos que a melhor, a mais eficaz de todas as orações, é aquela que brota do coração, é aquela que facilita um diálogo silencioso, mas de grande proximidade com Deus, que nos interpela e dá respostas concretas para os nossos passos diários, que têm a ver com a família, o trabalho, a cidadania, a justiça e a solidariedade, mas também com os medos, as fragilidades e os erros.

É estranho que tanta gente, aproveitando-se do descontentamento das pessoas, porque o seu humano, por mais que tenha, é sempre um eterno insatisfeito, porque estando focado no TER, isso leva-o a esquecer e a ignorar que ele, provavelmente, até será um feliz, comparativamente com os milhões de seres humanos que, vítimas dos conflitos armados, das perseguições, dos cataclismos e da seca, vivem com um euro por dia. Ignorar estas realidades, empurrando-a para bem longe da sua porta, fechando fronteiras, a pretexto de assim estarem a defender os seus conterrâneos, a sua identidade, e a sua pátria, invocando para esse agir, o nome de DEUS, é muito estranho. Mas que Deus será esse? Eu acredito no Deus de AMOR, do PERDÃO, da JUSTIÇA e que é PAI de TODOS. Não será que estão a bater na porta errada?



**O papa Francisco fez um pedido ao Patriarcado de Lisboa:**

**«Preparem-nas bem! Preparem-nas bem!»**

**A proposta lançada por um dos principais responsáveis pela JMJ 2022, Pe Américo Aguiar, na reunião da Vigararia da Lourinhã, é a criação duma COP/Comissão Operacional em cada Paróquia. A começar já.**

## Leia:

- O Editorial
- Plantar uma árvore - p. II
- A Casa da Praia do Sul - p. II
- De Volta a Casa - p. III
- Encontro com o novo Bispo - p. IV
- Viver a Salvação - p. IV

**ENCONTRO DE APROFUNDAMENTO DA FÉ**  
"FORMAR PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL"

**10 DE MARÇO 2019**  
Casa do Oeste - Ribamar/Lourinhã

Animação:  
**Dra. Manuela Silva**  
(economista)

Inscrições até 6/Março/2019  
261422790 / 915779037

**PROGRAMA**

9.15h - Acolhimento  
9.30h - Oração da manhã  
9.45h - Desenvolvimento da temática:  
**O desenvolvimento do Homem na sua vertente cultural, económica, social e espiritual**  
11.15h - Pausa para café  
11.30h - Trabalho de grupos  
13h - Almoço  
15h - Plenário e Conclusões  
17h - Eucaristia

Educar para a  
sobriedade para  
que se possa  
conservar a Mãe  
Terra

Sensibilizar  
para uma  
distribuição  
mais justa dos  
bens.

# Plantar uma Árvore

É uma associação, um sonho posto em ação, uma plataforma de mobilização cívica. Nasceu depois de um verão de incêndios, em 2009 de um cidadão, preocupado e inconformado juntou amigos, colegas, vizinhos, conhecidos. O lema era '1 pessoa 1 árvore', o objetivo, plantar 1000 árvores.

Nasceu de uma ideia, cresceu em sonho, fez-se realidade, tornou-se uma organização ambiental, dedica-se à promoção e conservação da floresta nativa e de espécies vegetais autóctones.

Desenvolve atividades com escolas, empresas, planta árvores que são prendas, ofertas de casamento ou outras. Promove ações de voluntariado. Ao domingo de manhã é dia de, quem quiser, se juntar para cuidar, plantar, e das invasoras a serra e os campos, libertar.

Como no domingo passado e no outro que passou (e nos outros que se seguirão...). Dois domingos seguidos de intervenção na Serra de Sintra. No dia 13 de janeiro no Monge, no dia 20 na Peninha. É altura de plantar.

Mas antes, há que combater o deserto verde que teima em avançar. Nas intervenções, fora da época de plantação, que é o mesmo que dizer, fora do inverno da chuva que rega a terra, foi o tempo de arrancar, descascar as acácias, mimosas e pitósporos que

tiram a vida à serra.

Tempo de cortar e arrancar as silvas que sufocam e impedem carvalhos, sobreiros, medronheiros, murta e zambujeiros (entre outras) de crescer. Também agora é preciso acabar de retirar os ramos das acácias, rebentos destas e das silvas que teimam em aparecer.

Uns limpam o terreno onde vai ser a plantação, outros cuidam do que já foi plantado, preparam estacas para segurar as proteções das árvores que vamos colocar na terra. Adultos e crianças, de luvas calçadas, serrotes, sachos e enxadas nas mãos, repartem as tarefas.

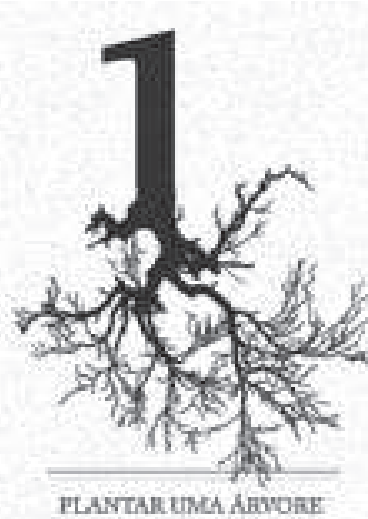
É chegada a hora de plantar. E na atividade do Monge, 60 das árvores que se plantam são oferta de casamento de dois noivos que vieram plantar a prenda que deram aos convidados na sua festa de casamento.

Também a Verónica está mais uma vez com a associação, junto com a Tuna da FCUL, para continuar a dar vida ao projeto "O Pedro é um Bosque". O Pedro foi o seu jovem esposo que faleceu vítima de cancro e que não queria que se gastasse dinheiro em flores no seu funeral, antes preferia que fossem plantadas árvores.

Aos poucos, lentamente, o deserto verde vai recuando. E os carvalhos, medronheiros, sobreiros, azinheiras, castanheiros, murtas, azevinhos... começam a lançar as raízes na terra e apontar as suas folhas para o céu.

Uns que surgem de regeneração natural, outros que nós plantamos, mas todos são a promessa de uma serra mais plena de vida, são a esperança de uma natureza mais viva e rica.

*Esmeralda Batalha*



## FICHA TÉCNICA

### Director

Jacinto Duarte Filipe

### Equipa Responsável

Jacinto Duarte Filipe  
Cristiana Palma (JARC)  
Rosália Batalha (ACR)  
Dália Miranda (Adm.)  
João Gamboa (Porta Voz)  
P. Joaquim Batalha

### CASA DO OESTE

Ribamar  
Av. 25 de Abril,13  
2530-627 RIBAMAR LNH  
Telef.: 261 422 790  
Fax: 261 422 790  
E-mail: casadooeste@sapo.pt  
E-mail: grito.rural@alvorada.pt



**CASA DO OESTE**  
**FUNDAÇÃO**  
**JOÃO XXIII**

## Sugestão de Leitura:

# “A Casa da Praia do Sul”

Epifania... 6 de Janeiro... dia de Reis... Os Reis Magos levaram presentes ao Menino Jesus... Os Espanhóis trocam prendas nesse dia... A mim, na noite de 24 para 25 de Dezembro, ofereceram-me um livro: “A Casa da Praia do Sul” (Editora Mar de Letras, colecção Crónicas e Ficções).

A sua autora, Isabel Vieira da Luz, é licenciada em Antropologia, em finais dos anos oitenta foi colocada na Ericeira e daí o seu primeiro contacto com esta vila. Para além de leccionar a disciplina de História, dinamizou o Clube do Património, dedicando-se ao estudo da história local.

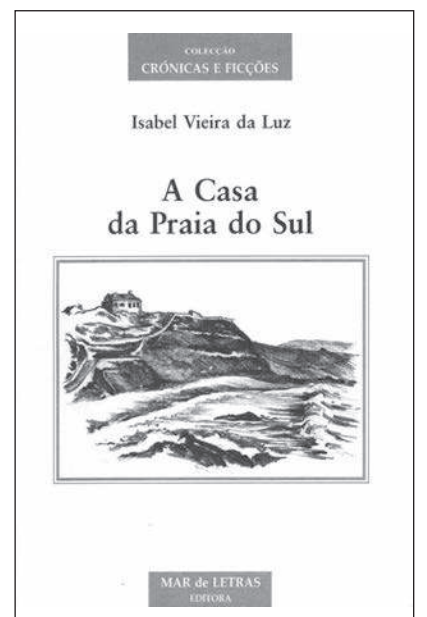
Pesquisou arquivos locais,

bibliografia sobre a Ericeira, jornais regionais e nacionais, artigos de revistas, entrevistou pessoas, numa primeira fase com os alunos, posteriormente a título individual e, da informação recolhida, anos mais tarde, nasceu esta obra.

O cenário desta história familiar, local e nacional é uma casa que ainda existe nesta praia da Ericeira. A narrativa atravessa mais de um século... fala de naturais e de forasteiros... de pescadores e de turistas... da monarquia e da república... de refugiados da Segunda Guerra Mundial... de memórias e de factos verídicos... de ficção e da realidade...

*Helena Santos*

Título: 'A Casa da Praia do Sul'  
Autor: Isabel Vieira da Luz  
Editora: Mar de Letras Editora



# E já terminou o DE VOLTA A CASA!

O fim-de-semana de 18 a 20 de janeiro marcou o regresso de mais de três dezenas de amigos à Casa do Oeste. Em comum, tinham o facto de serem antigos membros da JARC, a ligação à Casa do Oeste e a saudade dos momentos ali vividos.

A iniciativa deste (re)encontro surgiu nas redes sociais, após a publicação de uma fotografia da capela da “nossa casa”, que desde logo suscitou dezenas de comentários saudosos, onde se destacava a vontade de regressar. Assim se uniram alguns elementos para a organização de um encontro memorável.

Este encontro teve como principal objeto a JARC, o percurso de vida e a influência da JARC e da Casa do Oeste na construção da personalidade de cada um, na vida familiar, profissional, espiritual, etc. Foram momentos de encontro interior, reflexão, partilha, convívio e oração, que culminaram com a celebração da Eucaristia, presidida pelo Pe. Batalha (que nos acompanhou em diversos momentos do fim-de-semana) e com um almoço de convívio.

Houve também um espaço dedicado ao futuro dos movimentos e da JARC em particular, com o convite aos presentes para fazerem propostas de ação futura e manifestarem a sua disponibilidade para o envolvimento na concretização das mesmas.

Ao longo do fim-de-semana foram passando pela Casa amigos de várias gerações e origens geográficas - desde Castelo do Neiva (Viana do Castelo) a Baleizão (Beja), passando por S. João das Lampas (Santa Susana, Pobral, Assafora e Areias), Mafra (e Achada), Lourinhã, Caldas da Rainha e Benedita. Foram amigos que se juntaram à Ação Católica ainda antes de Revolução de Abril, com outros que viriam a nascer uma década depois da mesma. Foram “irmãos de casa” que brincaram juntos enquanto os pais “abriam caboucos para erguer os primeiros edifícios do que viria a ser a Casa do Oeste”, com outros que não chegaram a conhecer os edifícios vermelhos de madeira. Em comum, a certeza de que a JARC e a “Casa”, como é carinhosamente chamada, deixaram uma semente em cada um de

nós. Foi esta semente conduziu cada um à “Casa” naquele fim-de-semana e deixou outros tantos com pena de não se poderem ter juntado a nós.

No final, saímos de coração cheio, com a vontade de um reencontro nos tempos mais próximos, naquela que será sempre também a nossa casa e onde somos sempre recebidos de coração aberto.

## Testemunhos

*“Voltar à Casa do Oeste depois de tantos anos é constatar as diferenças físicas do local, mas encontrar os amigos, a mesma paz de espírito e tranquilidade”*

*(Sónia Ferreira, Pobral).*

*“Passados muitos anos, voltámos à Casa e, nela, voltámos a encontrar os amigos de sempre, a mesma paz, as reflexões importantes, o encontro com Deus. Ficámos com a certeza que aquele é um lugar especial e que ficará em nós independentemente do tempo que passar. E que, sem dívida, que tudo o que vivemos e aprendemos ali, nos tornou cidadãos melhores, mais conscientes e responsáveis pelo outro”*

*(Cátia Azenha, Santa Susana).*

*“Caros amigos, Foi um privilégio poder estar convosco algumas horinhas. Seriam precisas muitas mais para “matar” saudades destes anos todos que estivemos sem nos vermos. Os anos passaram é certo, mas as amizades não se perderam e estas poucas horas que estivemos juntos fizeram com que saíssem fortalecidas. Eu precisava destes momentos, desta casa, desta oração, como pão para a boca. Um*



Direitos Reservados

*bem-haja a todos aqueles que tornaram este fim-de-semana possível. Vocês fazem parte da minha vida, da minha história... Sou mais feliz por fazer parte desta família a que chamamos JARC. Porém, não saciada, aguardo com expectativa a vossa vinda cá abaixo. Estivemos tempo demais sem aquele abraço, repetimos em setembro? Tem avondo desta conversa, abreijos”*

*(Sandra David, Baleizão).*

*“Quero em primeiro lugar agradecer do fundo do coração aos mentores deste pequeno grande encontro, obrigado pela oportunidade de rever as pessoas que tanto me marcam e me ajudaram*

*a crescer como pessoa, o poder regressar a essa casa que tanto me atirou para o passado e lembrar-me do quanto me senti bem, o poder regressar ao nosso cantinho da capela onde tantas vezes me senti perto de JESUS, obrigado por me fazerem sentir com 20 anos”*

*(Luís Gonçalves, Castelo do Neiva).*

*“Muito bom reviver o espírito da Casa do Oeste, reencontrar alguns amigos, relembrar tão bons momentos vividos e que moldaram o nosso modo de vida”*

*(Mileta Gomes, Lourinhã).*



Direitos Reservados



Direitos Reservados

## MAIS IDOSOS A VIVER SOZINHOS

A GNR sinalizou 45.563 idosos a viver sozinhos ou isolados, em todo o país, em Outubro de 2018, mais 47 que na operação ‘Sensos Sénior’ realizada em 2017. Em comunicado a GNR adiantou que o maior número de idosos identificados a viver sozinhos ou isolados foi no distrito de Vila Real (4.515), seguido da Guarda (4.008), Viseu (3.766), Beja (3.715), Bragança (3.385), Faro (3.165) e Portalegre (3.156). Em Lisboa foram identificados 1.138 e no Porto 1.168 idosos a viver sozinhos e isolados.

## PORQUÊ CASAR PELA IGREJA?

Era este o título dum artigo no nosso jornal diocesano “Voz da Verdade”. E isto despertou-me para ir verificar os Batizados e Casamentos realizados na nossa paróquia de Ribamar/LNH, em 2018. Foram baptizadas **31 crianças**: de 16 os pais estão casados pela Igreja, 15 estão em União de Facto. Relativamente a casamentos na paróquia em 2018 foram só dois.

Hoje em dia aos olhos do mundo poderá parecer que não faz sentido casar pela Igreja, que o arrependimento pode chegar a qualquer hora, que as vontades

com o tempo podem mudar, e por isso mais vale não assumir um compromisso assim tão a sério, ainda mais na Igreja, que parece que traz uma solenidade maior.

A verdade é que para nós casar pela Igreja continua a fazer todo o sentido. E porquê?

**Porque traz Jesus à história do casal.** E como é tão mais rico que convidemos e vivamos com Jesus esta história.

## VIAGEM HISTÓRICA AOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS

Na 1ª semana de Fevereiro o papa

realizou a 1ª visita histórica aos Emirados Árabes Unidos, de um Pontífice Católico à península arábica.

Francisco encontrou-se em Abu Dhabi com o Príncipe herdeiro, xeque Mohamed Al Nahyan.

Horas mais tarde, Francisco e o grande imã de Al-Alzar, Ahmad Al-Tayyeb, assinaram a Declaração de Abu Dhabi, apresentada como “histórica” pelo Vaticano, que condena o terrorismo e a intolerância religiosa.

*«Pedimos a todos que deixem de usar as religiões para incitar o ódio, a violência, o extremismo e o fanatismo cego, e que se abstenham de usar o nome de Deus para justificar atos de assassinato, exílio, terrorismo e opressão».*

# Encontro com o novo bispo do Oeste, D. Daniel Henriques

No passado dia 13 de Janeiro o novo Bispo responsável pela região Oeste do Patriarcado de Lisboa reuniu com responsáveis e militantes da Acção Católica Rural, Fundação João XXIII, núcleo de Solidariedade com a Guiné, Plataforma de Intervenção Social.

Este encontro teve como objectivo transmitir ao novo responsável do Patriarcado e de uma forma informal, o trabalho desenvolvido por estas organizações bem como o papel desempenhado pela Casa do Oeste, ao serviço de movimentos e grupos de cariz religioso e outros.

Pela ACR, a Dina Franco apresentou o que a Equipa Diocesana e os grupos têm desenvolvido ao longo dos últimos anos. Referiu a necessidade de criar novos grupos pois no entender do movimento o seu papel ao nível da intervenção social é essencial à Igreja.

O Jacinto Filipe abordou o papel da Plataforma de Intervenção social, como grupo de pessoas que se constitui na sequência do Encontro de Cristãos do Oeste. Referiu a reflexão feita no grupo, algumas ações de intervenção sobre questões laborais e outras, e o apoio que com a sua reflexão o grupo dá a outros movimentos e actividades. Deixou uma interrogação: há muitos movimentos de espiritualidade, falta ação no mundo por parte dos cristãos, mas como deve ser feita?

A Filomena abordou as ações desenvolvidas pelo Núcleo de Solidariedade com a Guiné.



Direitos Reservados

Começou por referir que há muitas Organizações Não Governamentais com actividade na Guiné, mas nenhuma desenvolve ações com o carisma das da Igreja, ou seja estas ONG desenvolvem projectos com prazos, enquanto as da Igreja continuam ali sem terem uma data para terminar. Informou dos vários projectos que estão a decorrer, nomeadamente o das famílias de acolhimento de crianças que vem ter intervenções cirúrgicas, do apoio à cooperativa agrícola, do barco... e das novas solicitações que se vão encontrando.

Por fim o Luís apresentou a Fundação João XXIII e em particular a Casa do Oeste, que foi sonhada nos anos 50 e construída no início dos anos 70 com o lema 'Casa sonhada por alguns, construída por muitos para estar ao serviço de todos'. Como tem sido a evolução da mesma ao longo dos anos até às actuais instalações conseguidas com muito esforço e poios de muita gente. O papel da Casa no apoio às actividades dos

movimentos da acção católica e a muitos outros grupos desde os da catequese das paróquias, escuteiros e mesmo outros que não sendo da Igreja estão no caminho do desenvolvimento integral do homem.

O senhor bispo Daniel Henriques, após estas intervenções agradeceu as informações que lhe foram transmitidas, perguntou como estava a JARC, uma vez que não estavam presentes. Lançou algumas questões relacionadas com a intervenção social e sobre novas realidades como a de estarem a chegar muitos emigrantes para trabalhos agrícolas e mesmo interrogarmo-nos sobre a consciência cristã dos empresários no Oeste.

No final da reunião o senhor bispo aproveitou para percorrer a casa que já não reconheceu, pois muito se alterou depois de ter participado em campos de férias durante a sua adolescência ainda nos antigos pavilhões de madeira.

Luís Nunes

## Dia Mundial do Doente

Os cuidados de saúde exigem profissionalismo e ternura, afirma o Papa na sua Mensagem que transcrevemos parcialmente:

*Queridos irmãos e irmãs!*

«Recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10,8): estas são palavras pronunciadas por Jesus quando enviou os apóstolos a espalhar o Evangelho, para que o seu Reino se propagasse através de gestos de amor gratuito.

Por ocasião do XXVII Dia Mundial do Doente, que será celebrado de modo solene em **Calcutá, na Índia, a 11 de fevereiro de 2019**, a Igreja - Mãe de todos os seus filhos, mas com uma solicitude especial pelos doentes - lembra que o caminho de evangelização mais credível são gestos de dom gratuito como os do Bom Samaritano. O cuidado dos doentes precisa de profissionalismo e de ternura, de gestos gratuitos, imediatos e simples, como uma carícia, pelos quais fazemos sentir ao outro que nos é "querido".

A vida é dom de Deus, pois - como adverte São Paulo - «que tens tu que não tenhas recebido?» (1 Cor 4,7). E, precisamente porque é dom, a existência não pode ser considerada como mera posse ou propriedade privada, sobretudo face às conquistas da medicina e da biotecnologia, que poderiam levar o homem a ceder à tentação de manipular a "árvore da vida" (cf. Gn 3,24).

**Contra a cultura do descarte e da indiferença**, cumpre-me afirmar que há-de colocar-se o dom como paradigma capaz de desafiar o individualismo e a fragmentação social dos nossos dias, para promover novos vínculos e várias formas de cooperação humana entre povos e culturas. Como pressuposto do dom, temos o **diálogo**, que abre espaços relacionais de crescimento e progresso humano capazes de romper os esquemas consolidados de exercício do poder na

sociedade. Dar não se identifica com o ato de oferecer um presente, porque **só pode dizer-se "dom" se nos dermos a nós mesmos**: não pode reduzir-se à mera transferência de uma propriedade ou de algum objeto. Distingue-se de "oferecer um presente" precisamente porque inclui o dom de si mesmo e supõe o desejo de estabelecer um vínculo. Assim, antes de mais nada, o dom é um reconhecimento recíproco, que constitui o carácter indispensável do vínculo social. No dom há o reflexo do amor de Deus que culmina na encarnação do Filho Jesus e na efusão do Espírito Santo.

Todo o homem é pobre, necessitado e indigente. Quando nascemos, para viver tivemos necessidade dos cuidados dos nossos pais; de forma semelhante, em cada fase e etapa da vida, cada um de nós nunca conseguirá, de todo, ver-se livre da necessidade e da ajuda dos outros, nunca conseguirá arrancar de si mesmo o limite da impotência face a alguém ou a alguma coisa. Também esta é uma condição que caracteriza o nosso ser "criaturas". O reconhecimento leal desta verdade convida-nos a permanecer humildes e a praticar com **coragem a solidariedade**, como virtude indispensável à existência...

Exorto-vos a todos, nos vários níveis, a promover a cultura da gratuidade e do dom, indispensável para superar a cultura do lucro e do descarte. As instituições católicas de saúde não deveriam cair no estilo empresarial, mas salvaguardar mais o cuidado da pessoa que o lucro. Sabemos que a saúde é relacional, depende da interação com os outros e precisa de confiança, amizade e solidariedade; é um bem que só se pode gozar "plenamente" se for partilhado. A alegria do dom gratuito é o indicador de saúde do cristão. 25 de novembro de 2018. **Franciscus**

### «Um outro olhar»

## VIVER A SALVAÇÃO, EDIFICANDO O MUNDO

No artigo anterior, abordaram-se dois conjuntos de actividades que podem contribuir para a salvação universal: (a) A missão; (b) O reconhecimento das «sementes do Verbo», portanto de salvação, existentes em todas as civilizações e culturas. Falta abordar o terceiro conjunto, que consiste na «edificação deste mundo (...)» («Gaudium e Spes» - GS - n.º 21; cf. também GS, 38-40, e «Populorum Progressio», de Paulo VI, 14-21).

Tal edificação consiste no esforço permanente para que o mundo seja mais humano e justo, portanto orientado para o bem; tanto o agir bem, como o bem comum e o bem-estar. Poderá dizer-se que esta edificação é meramente natural e lhe faltam as dimensões espiritual e

sacramental necessárias para a salvação; isso é verdade, sem dúvida, mas também é verdade que uma linha de ação não exclui a outra e que a salvação de cada pessoa é um mistério inacessível à nossa compreensão. Portanto, crentes e descrentes participam em comum, e de maneira consciente ou não, no processo salvífico de edificação do mundo; e assim, embora possamos e até devemos contribuir para que os descrentes se convertam, não temos o direito de nos pronunciarmos sobre o seu processo salvífico na hipótese de não ocorrer a conversão visível.

O mesmo Deus que está na Eucaristia também está em todas as realidades do universo; está de maneira diferente,

mas não deixa de ser o mesmo; por isso, os cristãos irmanados com as outras pessoas, nas múltiplas actividades do mundo cooperam com a própria divindade. Assim, podemos afirmar que, se é necessário o diálogo inter-religioso, não o é menos o diálogo entre crentes e descrentes; incluindo o diálogo sobre as realidades do mundo, os seus problemas e a procura das respetivas soluções. Também passa por aí o dinamismo salvífico (cf. o capítulo da «Laudato Si'» do Papa Francisco).



Acácio F. Catarino